

## A Santa Sé

### DISCURSO DO SANTO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO CAPÍTULO GERAL DA ORDEM DE SANTO AGOSTINHO

Sala Clementina  
Sexta-Feira, 13 de Setembro de 2019

Queridos irmãos:

Dou as boas-vindas a todos vós reunidos em Roma para o Capítulo Geral e agradeço ao Prior Geral por suas palavras.

Neste Capítulo vós vos propusestes afrontar os desafios mais importantes do momento, à luz da Palavra de Deus, do Magistério da Igreja e do grande Pai Agostinho.

Vós sabeis bem que as comunidades de pessoas consagradas são lugares onde queremos viver a experiência de Deus desde uma profunda interioridade e em comunhão com nossos irmãos. Este é o primeiro e fundamental desafio que enfrentam as pessoas consagradas e que hoje desejo vos confiar em particular: viver juntos a experiência de Deus para que possamos mostrá-lo a este mundo de uma maneira clara, valente, sem compromissos, nem hesitações. É uma grande responsabilidade!

Recordo as palavras de São Paulo VI na maravilhosa Exortação *Evangelica testificatio*: «A tradição da Igreja (é necessário recordar?) nos oferece, desde as origens, este testemunho privilegiado de uma busca constante de Deus, de um amor único e indiviso por Cristo, de uma dedicação absoluta ao crescimento do seu Reino. Sem este sinal concreto, a caridade que anima à Igreja correria o risco de esfriar, o paradoxo salvífico do Evangelho de perder em penetração, o “sal” da fé de se dissolver em um mundo de secularização» (n. 3). Naquela época estava em fase de secularização, hoje está completamente secularizado.

Vós, agostinianos, fostes chamados a dar testemunho dessa caridade cálida, viva, visível, contagiosa da Igreja, através de uma vida comunitária que manifesta claramente a presença do Ressuscitado e do seu Espírito. A unidade na caridade – como bem explicam também as vossas Constituições – é um ponto central na experiência e espiritualidade de santo Agostinho e um fundamento de toda a vida agostiniana. Nesta perspectiva, na Exortação apostólica *Gaudete et exultate* quis recordar «aquele sublime encontro espiritual que viveram juntos santo Agostinho e sua mãe santa Mônica» (n. 142): um momento em que suas almas se fundem na intuição da Sabedoria divina. Vamos relê-lo sempre com emoção na memória litúrgica de santa Mônica. Esse desejo da santa que ao final obteve o que buscava e inclusive mais. Esse «cumulatus hoc mihi Deus meus prestitit» (S. Agustin Conf., IX,11). Isto deve alentá-los a prosseguir.

«Mas –acrescentei imediatamente– estas experiências não são o mais frequente, nem o mais importante. A vida comunitária [...] é feita de muitos pequenos detalhes cotidianos [...]. A comunidade que preserva os pequenos detalhes do amor, onde os membros cuidam uns dos outros e constituem um espaço aberto e evangelizador, é o lugar da presença do Ressuscitado que vai santificando-a segundo o projeto do Pai» (ib., 143.145).

Certamente, manter viva esta chama de caridade fraterna não será possível sem o “*in Deum*” de vossa Regra: «Primum, propter quod in unum estis congregati, ut unanimes habitetis in domo et sit vobis anima una et cor unum *in Deum*» (n. 3). Ou seja, orientados na direção de Deus. Esta clausula, somada à expressão dos Atos dos Apóstolos, é própria de Agostinho,

para sublinhar que é esse profundo dinamismo de vossas comunidades, a primeira grande fonte da qual brota todo o vosso serviço à Igreja e à humanidade. O *anima una et cor unum* nasce desta fonte perene: *in Deum*. Os vossos corações orientados na direção de Deus. Sempre! Cada membro da comunidade deve se orientar, como o primeiro “propósito santo” de cada dia, à busca por Deus, ou a se deixar buscar por Deus. Esta “direção” deve ser declarada, confessada, testemunhada entre vós sem falsa modéstia. A busca por Deus não pode ser obscurecida por outros propósitos, por generosos e apostólicos que sejam. Porque esse é vosso primeiro apostolado. Estamos aqui – deveríeis poder dizer todos os dias entre vós – porque estamos caminhando na direção de Deus. E como Deus é Amor, caminhamos em direção a Ele em amor.

Como escreveu o querido P. Agostino Trapé: «Segundo a Regra, a caridade não é somente o fim e o meio da vida religiosa, mas também o seu centro: da caridade deve proceder e à caridade deve orientar-se, com um movimento perpétuo de causalidade circular, cada pensamento, cada afeto, cada atitude, cada ação» (Santo Agostinho, Regra, Milão 1971-Ancora, p. 137).

Santo Agostinho, escrevendo a São Jerônimo, expressava assim sua própria experiência de comunidade: «Confesso que me resulta ainda mais natural abandonar-me inteiramente ao afeto de tais pessoas, sobretudo quando estou oprimido pelos escândalos do mundo: em seus corações encontro descanso sem preocupações, convencido de que há Deus nele» (Cartas 73,10). E frente aos escândalos da Igreja e também aos escândalos de vossa família, a paz vai por este caminho. Voltai a orientar-se na direção dele... e os escândalos são derrubados, sozinhos, porque demonstram que não há outro caminho, este é o caminho.

Frequentemente é bom voltar àquela meditação que Agostinho deu aos seus fiéis, sobre a Primeira Carta de João, onde a Igreja é chamada por ele «*mater charitas*», uma mãe que chora pela divisão dos filhos e clama e recorda a unidade da caridade: «Se queres saber se recebeste o Espírito, interroga o teu coração para não correres o risco de ter o sacramento, mas não o efeito dele. Pergunta ao teu coração e se ali há caridade pelo teu irmão, está tranquilo. Não pode haver amor sem o Espírito de Deus, porque Paulo grita: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5)» (ibíd. VI,10).

As vossas Constituições chamam a esta caridade fraterna “um sinal profético”, e sua advertência é sábia quando dizem: «Não poderemos realizar tudo isto se não tomarmos a nossa cruz diária por Cristo, com humildade e mansidão». A cruz é a medida do amor, sempre. É verdade que se pode amar sem cruz, quando não há cruz, porém quando há cruz, a forma como carregamos a cruz, é a medida do amor. É assim.

Voltemos à meditação agostiniana para escutar dele, pai e guia, o que é afinal de contas a *via charitatis*: «Diz o Senhor: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros” (Jn 13, 34). [...] Porém, qual é a perfeição do amor? É também amar a nossos inimigos e amá-los para que se tornem irmãos [...]. Assim amou quem, pendurado na cruz, disse: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34) [...]. Quando estava pregado na cruz, caminhava precisamente por este caminho, que é o *caminho da caridade*» (ibíd., I, 9).

Queridos irmãos, estes são também hoje para vós, o desafio e a responsabilidade: viver em suas comunidades de tal maneira que possais experimentar juntos a Deus e mostrá-lo vivo ao mundo! A experiência do Senhor, como Ele é, como Ele nos busca a cada dia. Que Maria, mãe de Jesus e figura luminosa da Igreja, vos acompanhe e proteja sempre. Abençoe-vos de coração e vos peça, por favor, que rezem por mim. Obrigado.